

O IMORALISTA

ANDRÉ GIDE

TRADUZIDO DO ORIGINAL FRANCÊS POR
MARIA PONCE DE LEÃO



I

Meus caros amigos, sabia que me eram fiéis. Responderam ao meu apelo, como eu teria feito com qualquer um de vós. No entanto, há três anos que não me viam. Possa a vossa amizade, que resistiu tão bem à ausência, resistir igualmente à história que vos vou contar. Porque se vos chamei inesperadamente e vos fiz viajar até esta morada longínqua, foi apenas para vos ver e para que me pudessem escutar. Não desejo outra ajuda além desta: falar-vos. Cheguei a uma altura da minha vida que não consigo ultrapassar. Porém, não se trata de cansaço. Mas deixei de compreender. Preciso... Preciso de falar... digo-vos. Saber libertarmo-nos não é nada; difícil é saber ser livre. Permitam-me que fale de mim; vou contar-vos a minha vida, sem modéstia e sem orgulho, mais do que se falasse simplesmente comigo. Escutem-me:

A última vez em que nos vimos foi, lembro-me bem, nos arredores de Angers, na pequena igreja da

aldeia onde se celebrava o meu casamento. Os convidados eram poucos, e a excelência dos amigos fazia dessa cerimónia banal uma cerimónia comovente. Parecia-me que havia emoção no ambiente, e isso também era tocante para mim. Depois de sairmos da igreja, juntaram-se-nos na casa daquela que se tornara minha mulher para uma breve refeição, em que nem o barulho, nem o riso marcaram presença; depois ela e eu partimos num carro alugado, de acordo com a tradição que se associa, no nosso espírito, à ideia de um casamento, à visão de uma estação de caminho-de-ferro.

Conhecia muito pouco a minha mulher e sabia, sem grande mágoa, que ela também não me conhecia bem. Tinha casado com ela sem estar apaixonado, mais para satisfazer o meu pai, que, à beira da morte, se mostrava apreensivo por me deixar sozinho. Amava o meu pai com ternura; preocupado com a sua agonia, só pensava naquele triste instante em tornar o seu fim mais suportável; e assim comprometi a minha vida, sem saber o que a vida poderia ser. O nosso noivado, à cabeceira do moribundo, foi marcado apenas por uma alegria: a grande tranquilidade que proporcionámos ao meu pai. Se, como disse, não amava a minha noiva, pelo menos também não tinha amado outra mulher. Isso bastava, aos meus olhos, para garantir a nossa felicidade; e ignorando-me ainda, julguei possível entregar-me a ela. Também ela era órfã e vivia com

dois irmãos. Chamava-se Marceline e tinha apenas vinte anos; eu era quatro anos mais velho.

Já disse que não a amava; pelo menos, não sentia por ela nada do que geralmente se chama amor, mas amava-a, caso se queira entender por isso uma ternura, uma espécie de piedade, enfim, uma estima bastante elevada. Ela era católica, eu sou protestante... aliás, sem grande convicção. O padre aceitou-me, eu aceitei o padre; tudo decorreu sem problemas.

O meu pai era, como se costuma dizer, um «ateu», pelo menos assim o suponho, já que, por uma espécie de pudor invencível de que ele partilhava, nunca chegámos a conversar a respeito das suas crenças. A severa educação huguenote da minha mãe apagara-se lentamente do meu coração, juntamente com a imagem da sua beleza; sabem que a perdi muito cedo. Ainda não suspeitava do modo como essa primeira moral da infância nos domina e desconhecia os vestígios que nos deixa no espírito. Essa espécie de austeridade, cujo gosto a minha mãe me deixara ao inculcar-me os seus princípios, apliquei-a totalmente aos meus estudos. Tinha quinze anos quando perdi a minha mãe; o meu pai cuidou de mim, rodeou-me de carinho, ocupou-se apaixonadamente da minha instrução. Já sabia bem latim e grego; com ele aprendi rapidamente hebreu, sânscrito, e, por fim, persa e árabe. Mais ou menos por volta dos vinte anos sentia-me tão entusiasmado, que ele ousou associar-me aos seus trabalhos.

Divertia-se a considerar-me como seu igual e quis dar-me uma prova disso. O *Ensaio sobre os Cultos Frígios*, que apareceu com o nome dele, foi obra minha; ele apenas fizera a revisão; nunca nada lhe valeu tantos elogios. Ficou encantado. Quanto a mim, senti-me envergonhado com o êxito da farsa. Mas, desde então, estava lançado. Os homens mais eruditos tratavam-me como um colega. Ainda hoje sorrio com as honras que me dispensaram... Cheguei assim aos vinte e cinco anos sem ter contemplado mais do que ruínas ou livros, e sem conhecer nada da vida; aplicava-me fervorosamente no meu trabalho. Amava alguns amigos (vós, por exemplo), mas amava mais a própria amizade; o meu afecto por eles era grande, mas não passava de um desejo de nobreza; adorava em mim mesmo cada sentimento belo. De resto, ignorava os meus amigos, como me ignorava a mim mesmo. Nunca me ocorreu a ideia de que pudesse levar uma existência diferente, nem que fosse possível viver de uma forma diferente.

O meu pai e eu satisfazíamos-nos com coisas simples; gastávamos tão pouco os dois, que cheguei aos vinte e cinco anos sem saber que éramos ricos. Imaginava, sem grandes preocupações, que tínhamos apenas o bastante para viver; adoptara junto do meu pai tais hábitos de economia, que me senti constrangido ao descobrir que possuíamos muito mais. Vivia tão alheado dessas coisas, que nem mesmo depois da morte do meu pai,

de quem era o único herdeiro, tive consciência da minha fortuna, mas somente após o meu contrato de casamento, quando percebi, ao mesmo tempo, que Marceline não me trazia quase nada no dote.

Outra coisa que eu ignorava, talvez mais importante ainda, era a minha saúde delicada. Como poderia saber, se nunca a pusera à prova? De vez em quando tinha constipações e não lhes dava grande importância. A vida demasiado calma que levava enfraquecia-me e ao mesmo tempo protegia-me. Marceline, pelo contrário, parecia robusta; e em breve constataríamos que era mais forte do que eu.

Na noite do nosso casamento dormimos no meu apartamento de Paris, onde nos haviam preparado dois quartos. Ficámos em Paris apenas o tempo necessário para algumas compras indispensáveis, e depois seguimos para Marselha, de onde embarcamos logo para Túnis.

Os afazeres urgentes, a precipitação dos últimos acontecimentos, a inevitável agitação do casamento logo a seguir a outra mais real, o meu luto, tudo isso me havia esgotado. Só no barco pude sentir a minha fadiga. Até àquele momento, embora cada ocupação a aumentasse, também me distraía dela. A inactividade forçada de bordo permitiu-me, enfim, reflectir. Parecia-me que o fazia pela primeira vez.

Foi igualmente pela primeira vez que consenti privar-me por muito tempo do meu trabalho. Até então, só gozara de algumas breves férias. Uma viagem a Espanha com o meu pai, pouco tempo depois da morte da minha mãe, durara, é verdade, mais de um mês; outra, à Alemanha, seis semanas; ainda houve mais, só que eram viagens de estudos; o meu pai não se distraía um único momento das suas investigações muito específicas; quando não o acompanhava, lia cada vez mais. Porém, assim que deixámos Marselha, senti que se reavivavam diversas lembranças de Granada e de Sevilha, um céu mais puro, sombras mais acolhedoras, festas, risos e cantos. «É o que vamos encontrar novamente», pensava. Subi ao convés do navio e vi Marselha a afastar-se.

Depois, subitamente, ocorreu-me que me esquecera de Marceline.

Estava sentada na proa; aproximei-me e, pela primeira vez, contemplei-a com olhos de ver.

Marceline era muito bonita. Não vos dou uma novidade, pois já a viram. Censurava-me por não o ter percebido antes. Conhecia-a demasiado bem para a poder ver como uma novidade; as nossas famílias tinham estado sempre muito ligadas; vira-a crescer, acostumara-me ao seu encanto... Pela primeira vez admirei-me, tão grande me pareceu ser o seu encanto.

Sobre um simples chapéu de palha negra, Marceline deixava flutuar um grande véu; tinha pele clara, mas

não parecia frágil. A saia e o corpete iguais eram feitos de um tecido escocês que tínhamos escolhido juntos. Não quisera que ela compartilhasse o meu luto.

Sentiu que a observava e virou-se para mim... até então, somente lhe demonstrara uma ternura imposta pelo dever; substituía, o melhor que podia, o amor por uma espécie de galanteria estudada que, evidentemente, a incomodava um pouco. Será que Marceline notou naquele momento que a olhava pela primeira vez de uma forma diferente? Olhou-me por sua vez, fixamente; depois, sorriu-me com muita ternura. Sentei-me ao seu lado, sem falar. Até então tinha vivido para mim, ou pelo menos à minha maneira; casara sem ver na minha mulher mais do que uma companheira, sem pensar com clareza que a minha vida poderia mudar com aquela união. Acabara de compreender que o monólogo terminara.

Estávamos sozinhos no convés. Ela ofereceu-me o rosto; apertei-a docemente contra mim; ergueu os olhos; beijei-lhe as pálpebras e experimentei de repente, graças ao meu beijo, um sentimento desconhecido de compaixão; invadiu-me tão violentamente, que não pude conter as lágrimas.

— O que tens? — perguntou Marceline.

Começámos a falar. As suas palavras deliciosas encantaram-me. Tinha as minhas opiniões sobre a estupidez das mulheres. Junto dela, naquela noite, fui eu que me senti desajeitado e estúpido.